

RELAÇÕES COM O SABER/ UNIVERSIDADE: PERSPECTIVAS DE ACADÊMICOS DO CURSO DE HISTÓRIA DA UFT-ARAGUAÍNA

RELATIONS WITH KNOWLEDGE/ UNIVERSITY: PERSPECTIVES OF ACADEMICS OF THE UFT HISTORY COURSE (ARAGUAÍNA-TO)

Bruna da Silva Cardoso **1**
Rosária Helena Ruiz Nakashima **2**

Resumo: Este artigo investigou relações de acadêmicos do Curso de História, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, com o saber e a universidade. Para isso selecionou questionamentos de atividades autoavaliativas respondidas pelos estudantes em quatro disciplinas. Ao dialogar com Bernard Charlot foram problematizadas perspectivas dos graduandos sobre estudar e aprender. O ato de estudar foi entendido como algo natural e, em alguns casos, como uma atividade que envolve dedicação, disciplina e organização. Mostrou que nem sempre os estudantes entendem que para aprender é preciso ter atividade intelectual. Estudar para ter uma profissão e um emprego, aprender para se tornar alguém melhor e transformar o meio em que vivem, foram relações com o saber que emergiram dos relatos. Assim, a pesquisa ressaltou a importância de compreender a relação dos estudantes com o curso superior, com a universidade, com os professores e com os saberes necessários à formação docente.

Palavras-chave: Relação com o saber; Relação com a universidade; Acadêmicos do Curso de Licenciatura em História.

Abstract: This article investigated academic relations of the History Course, Federal University of Tocantins (Campus de Araguaína) with knowledge and university. Thus it selected questions of self-assessment activities answered by students in four disciplines. Discussing with Bernard Charlot, students' perspectives on studying and learning were problematized. The act of studying was understood as something natural and, in some cases, as an activity involving dedication, discipline and organization. It displayed that students do not always understand that to learn it is necessary to have intellectual activity. To study to have a profession and a job, to learn to become a better person and to transform the environment in which they live, were relations with the knowledge that emerged from the stories. Thus, the research emphasized the importance of understanding the relationship between students and higher education, with the university, with the teachers and with the knowledge necessary for teacher training.

Keywords: Relationship with knowledge; Relation with the university; Academics of the History Course.

Graduada em História e Mestra em Estudos de Cultura e Território **1**
(PPGCult), pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Tocantins, Brasil.
Professora Substituta do Colegiado de História da Universidade Federal do
Tocantins, Campus Araguaína. E-mail: nhabrunicardoso@hotmail.com

Pedagoga e Doutora em Educação. Professora do Colegiado de **2**
História da UFT-Araguaína e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de
Cultura e Território (PPGCult/UFT). Universidade Federal do Tocantins (UFT),
Tocantins, Brasil. E-mail: rosaria@uft.edu.br

Introdução

O desejo de pesquisar sobre a relação com o saber nos mobilizou principalmente a partir dos estudos de Bernard Charlot, nome de destaque quando se fala dessa temática. Juntamente com as leituras começamos a observar a relação das pessoas a nossa volta com o saber, sobretudo com o(s) saber(es) escolar(es) e universitário(s). Nesse sentido, esta pesquisa investiga as relações de acadêmicos do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Araguaína com o saber e a universidade.

A discussão sobre a relação que esses acadêmicos têm com o saber/aprender, baseou-se nos seguintes questionamentos: O que é aprender? O que é estudar? Qual o sentido de vir para a universidade? Estas podem se desdobrar em: Por que os alunos vão para a universidade? O que significa estudar para os estudantes? Qual a relação deles com o aprender? São lógicas da relação com o saber que pretendemos evidenciar a partir de relatos de acadêmicos do curso de História.

Esses questionamentos foram feitos aos estudantes do primeiro período (disciplina de Metodologia do Trabalho Científico), quinto período (disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional), sexto período (Didática) e oitavo período (Psicologia da Aprendizagem). Assim, foram analisadas 140 respostas dos acadêmicos que as cursaram entre 2013 e 2015 que, em sua maioria, tinham entre 17 e 24 anos.

Essa atividade autoavaliativa faz parte dos planos das disciplinas mencionadas com o objetivo de compreender o que os acadêmicos apreenderam durante o semestre, o que se destacou em relação às disciplinas e sua importância para a própria formação como futuros professores. Entendemos a partir de Mendes (2005) que avaliar é uma postura do professor em relação a concepção de educação que ele se identifica. A avaliação como uma atividade contínua deve contribuir para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, para isso, além de mudar a prática avaliativa, é preciso a mudança na

[...] metodologia de trabalho e nas concepções (de sociedade, de educação, de universidade, de conhecimento e de aprendizagem). Mudar a forma de avaliar implica repensar todo o processo pedagógico, bem como todo o processo de definição do currículo que definimos no ensino superior. Admitindo isso, podemos partir para outro aspecto que é repensar nossas práticas para que, a partir delas, possamos, de fato, avaliar e não meramente verificar a aprendizagem de nossos alunos. (MENDES, 2005, p. 177).

Além disso, cabe ressaltar a relevância da avaliação como prática de investigação, na qual os docentes podem utilizar as informações obtidas para aprimorar sua prática pedagógica. Nesse contexto a avaliação também foi considerada formativa, porque a partir das respostas dos estudantes foi possível ter um breve panorama da sua relação com a disciplina, com a professora e com a docência, bem como exigiu que os mesmos mobilizassem seus saberes. Esse processo é importante, pois “é fundamental, na prática avaliativa formativa, a perspectiva daquele que aprende, o aluno” (MENDES, 2005, p. 179). Nesse sentido, a autoavaliação,

visa à autoridade e à co-responsabilidade em relação ao desenvolvimento intelectual do aluno. A auto-avaliação colabora para promover a socialização e o amadurecimento do mesmo. Ela deve ser feita através de roteiros que avaliem diferentes aspectos das atividades acadêmicas, constituindo-se em um importante instrumento de formação para o aluno. (MENDES, 2005, p. 186).

Em outras palavras, além de avaliar os alunos, o professor e sua prática também são avaliados nesse processo de corresponsabilidade. Isso auxilia numa reflexão crítica dos professores sobre a prática pedagógica, compreendendo que não apenas o acadêmico deva ser avaliado, abrindo mais espaços de diálogo entre eles com o objetivo de modificar e melhorar a formação dos futuros professores e, no contexto deste texto, de professores de História, compreendendo que as disciplinas curriculares podem contribuir para isso. A seguir apresentamos uma breve

contextualização da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e do Curso de História da cidade de Araguaína.

Uma breve contextualização: a UFT e o Curso de História de Araguaína

A Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Araguaína é o lugar de formação dos participantes desta pesquisa, acadêmicos do Curso de História. A UFT, responsável pela formação de professores e professoras no estado do Tocantins, possui sete *campis* distribuídos em várias regiões do estado. Dentre esses, um está localizado na cidade de Araguaína-TO, situada no norte do estado, há aproximadamente 370 km da capital Palmas.

A Universidade Federal do Tocantins (UFT) foi instituída em 23 de outubro de 2000, pela lei 10.032, e iniciou seu funcionamento em maio de 2003. Com sede em Palmas, tem cursos funcionando em outros seis campi: Gurupi, Tocantinópolis, Arraias, Porto Nacional, Miracema e Araguaína. No norte do estado do Tocantins, estão situados dois campi responsáveis pela formação de professores/as na região: Tocantinópolis e Araguaína (a UFT é a única instituição pública da região norte do Estado que oferta o ensino superior). O Campus Universitário de Araguaína oferta sete licenciaturas: Biologia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática e Química (TOCANTINS, 2009).

O Curso de História é ofertado atualmente pela UFT, que o herdou da Universidade do Tocantins (UNITINS), que era pertencente na década de 1980 a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína (FACILA). Dessa forma destacamos que o curso de História na região foi instituído em 1985, a partir da criação da FACILA em Araguaína. Durante as últimas décadas foi reestruturado e incorporado, pela UNITINS e recentemente pela UFT. Dos anos 1980 aos anos 2000 o currículo do curso de História sofreu algumas modificações, tanto no âmbito das disciplinas específicas, quando das de formação pedagógica.

O Curso de Licenciatura em História da UFT-Araguaína pretende promover a produção e divulgação do conhecimento histórico na região, formando profissionais aptos a atuar como docentes em todas as dimensões da profissão, que dominem tanto o conhecimento histórico como as práticas didáticas e pedagógicas para que sejam profissionais capazes de interferir e transformar a realidade educacional a sua volta. Assim, o curso tem como objetivos,

[...] a formação de profissionais capazes de fazer uma leitura crítica da realidade social, econômica, política e cultural local e global, bem como interferir nessa realidade a fim de transformá-la [...] Formar docentes preocupados com as questões sociais, políticas e culturais que interferem na realidade social; Propiciar debates sobre a realidade sócio-econômica-cultural da região para os profissionais que atuam em diversas áreas, inclusive no planejamento de Políticas Públicas; Consolidar o curso para possibilitar a implantação de cursos de Pós-Graduação, *stricto sensu*, em História. Propiciar o diálogo com os demais cursos da UFT, principalmente àqueles da área de Ciências Humanas e Sociais, e estabelecer contatos efetivos com os demais cursos das regiões Norte e Nordeste do país, objetivando a elevação do debate acadêmico sobre os temas relacionados a essas regiões. (TOCANTINS, 2009, p. 12).

Cabe destacar que dentre as disciplinas em que as autoavaliações foram aplicadas, mencionadas na introdução deste texto, apenas Didática e Psicologia da Aprendizagem se fizeram presentes na formação dos professores de História desde 1985. Metodologia do Trabalho Científico e Currículo, Política e Gestão Educacional, só foram inseridas a partir da estrutura curricular da UFT em 2009. São ofertadas no primeiro e quinto período, respectivamente. Já Didática, no sexto período e Psicologia da Aprendizagem no oitavo período do curso (TOCANTINS, 2009). A partir dessa breve contextualização, trazemos a seguir algumas considerações sobre a relação com o saber.

Da relação com o saber: alguns apontamentos

As investigações de Charlot (2000) sobre a relação com o saber surgiram com o objetivo de compreender porque alguns estudantes fracassam na escola e outros não. Segundo Charlot (2000), os alunos não devem ser considerados fracassados, porque cada um estabelece uma relação com o saber e com a escola. Para o autor, o fracasso escolar não existe, o que existe são alunos em situações de fracasso, ou seja, é preciso investigar porque eles fracassam, qual a relação com o aprender, porque frequentam a escola etc.

Podemos pensar na relação com o saber como uma teoria para além da reprodução escolar. Charlot (2000) destaca que Bourdieu e Passeron, dentre outros buscam e buscaram explicar o fracasso escolar através de porque e como os alunos ocupam essa ou aquela posição no espaço escolar. Estes autores trabalham com a reprodução das diferenças por meio do capital cultural e do *habitus*. Bourdieu mostra que existe uma “[...] correlação estatística entre a posição social dos pais e, a posição dos filhos no espaço escolar” (CHARLOT, 2000, p. 20).

Charlot (2000) afirma que essa correlação estatística deve ser considerada, já que o fracasso escolar “[...] tem alguma coisa a ver” (p. 20) com as desigualdades sociais. Mas é preciso ir além dessas questões. É preciso pensar nas práticas educativas familiares e não apenas nas posições das famílias, pois a posição da família influencia, mas não determina a posição da criança, que “[...] se constrói ao longo de sua história e é singular. Para compreender o sucesso ou o fracasso escolar dessa criança, essa singularidade deve ser tomada em consideração” (p. 22); “[...] não basta saber a posição social dos pais e dos filhos, deve-se também interrogar-se sobre o significado que eles conferem a essa posição” (p. 22).

De acordo com Charlot (2000), a análise da relação com o saber se propõe a fazer uma leitura “positiva” da realidade: “[...] liga-se à experiência dos alunos, à sua interpretação do mundo, à sua atividade” (p. 30). Destaca que essa leitura “positiva” é uma postura epistemológica e metodológica, pois,

Praticar uma leitura positiva é prestar atenção também ao que as pessoas fazem, conseguem, têm e são, e não somente aquilo em que elas falham e às suas carências. É, por exemplo, perguntar-se o que sabem (apesar de tudo) os alunos em situações de fracasso – o que eles sabem da vida, mas também o que adquiriram dos conhecimentos que a escola procura prover-lhes. Nesse sentido, trata-se mesmo de uma leitura ‘otimista’, para quem fizer questão de usar essa palavra. (CHARLOT, 2000, p. 30).

Charlot (2000) mostra que realizar uma leitura positiva, é também ler de outra maneira “[...] o que é lido como falta” (p. 30). É questionar quando um aluno fracassa: “[...] o que está ocorrendo [...] qual o sentido da situação para ele” (p. 30).

Para Charlot (2000, p. 34), “estudar a relação com o saber é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença de ‘saber’ no mundo”. Isso porque, segundo o autor, quando nasce, o homem está submetido à obrigação de aprender. Este autor traz em suas pesquisas, análises, sobretudo dos estudantes da educação básica. E ao considerar que na universidade essa discussão também é necessária, este artigo se propõe a investigar a relação com o saber dos graduandos, na busca de compreender suas perspectivas sobre estudar e aprender, assim como, o que os motiva estar na universidade.

O saber para Bernard Charlot implica a ideia de sujeito, de atividade de sujeito, de relação do sujeito com ele mesmo e com os outros. Cita J. M. Monteil (1985) que distingue informação, conhecimento e saber, sendo a informação algo exterior ao sujeito; conhecimento resultado da experiência pessoal ligada às atividades afetivo-cognitivas, é intransferível; e o saber, que é uma informação que o sujeito se apropria, é produzido pelo sujeito confrontado a outros sujeitos. Este último é o que nos interessa os saberes que os estudantes se apropriaram, produziram no decorrer do semestre e que conseguiram mobilizar em suas respostas.

Charlot (2000, p. 80-81) apresenta algumas definições da relação com o saber a partir de seus estudos:

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender; A relação com o saber é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quando estiver relacionado com o aprender e o saber; Ou sob uma forma mais 'intuitiva': a relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um 'conteúdo de pensamento', uma atividade, uma relação impessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc... ligados de certa maneira com o aprender e o saber; e por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação.

Para compreender essas relações com o saber e o aprender, foi solicitado aos estudantes que no final do semestre letivo, respondessem um formulário de autoavaliação, sem identificação, com perguntas abertas e fechadas. A partir das respostas obtidas, investigamos as relações com o saber e com a universidade para os estudantes do curso de História da UFT, Araguaína.

Compreender porque esses acadêmicos vão à universidade também implica relações de sentido, de desejo e de prazer. Charlot (2011a) mostra que a relação com o saber se trata de questionar qual o sentido de os estudantes irem à escola; qual o sentido de aprender. Quando os alunos apresentam dificuldades devemos nos questionar se eles estudaram, se exerceram atividade intelectual. Isso porque,

[...] ninguém pode aprender sem uma atividade intelectual, sem uma mobilização pessoal, sem fazer uso de si. Uma aprendizagem só é possível, se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras: só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. O professor não produz o saber no aluno, ele realiza alguma coisa (uma aula, a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, etc.) para que o próprio aluno faça o que é essencial, o trabalho intelectual. (CHARLOT, 2005, p. 76).

O autor destaca que podemos falar em valor do que se aprende quando há desejo durante o percurso de aprendizagem. E ressalta que o valor do que aprendemos (negativo, positivo, ou nulo), se desenvolve com o tempo, pois, "[...] o 'sentido' e o 'valor' do que é aprendido está indissociavelmente ligado ao sentido e o valor que o sujeito atribui a ele mesmo enquanto aprende (ou fracassa em sua tentativa de aprender)" (CHARLOT, 2001, p. 27). Ou seja, a aprendizagem é um processo e para que ela ocorra é preciso que haja mobilização, prazer e desejo de aprender durante o percurso. Para que um aluno aprenda é necessário que ele se mobilize e se engaje em uma atividade intelectual, e isso independe de sua classe social ou capital cultural.

Na sequência, seguem considerações e reflexões de alguns relatos dos acadêmicos sobre as respostas às questões sobre estudar e aprender e sentidos de ir à universidade.

"Aprender significa você construir conhecimento através da experiência": perspectivas de acadêmicos de História sobre a relação com o saber

Dentre as 20 questões das (auto)avaliações, selecionamos algumas para problematizá-las neste texto, ou seja, as temáticas escolhidas dialogam como o objetivo que é investigar relação dos estudantes com o saber/aprender e com a universidade.

Para você, o que é estudar?

A análise foi pensada a partir da sistematização das respostas a cada questionamento e neste tópico trazemos as respostas à pergunta aberta: “para você, o que é estudar?” As respostas mais frequentes foram: *buscar/adquirir conhecimentos; aprimorar os conhecimentos; dedicação aos estudos; construir conhecimentos* e a seguir trazemos narrativas que exemplificam essas respostas:

Estudar é o ato consciente de adquirir conhecimento. As causas que levam o indivíduo a estudar podem ser as mais variadas, mas o objetivo final, na minha visão, pode ser só um: alcançar novos níveis de entendimento do mundo que cerca o indivíduo e assim ele pode se tornar uma pessoa melhor, eliminando preconceitos nocivos e usando a alteridade para melhor entender os seres humanos que o cercam. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Metodologia do Trabalho Científico- 2014/2).

Um exercício contínuo de apreender e compreender o mundo. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

Estudar, para mim, consiste no ato de explorar, aprimorar e assimilar o conhecimento. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

Estudar para mim, antes de tudo, é uma oportunidade de aprender um pouco mais. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

Estudar significa você querer obter conhecimento, é você focar sua atenção naquilo que almeja e criar opinião própria. Significa você estar sempre atualizado e querer sempre aprender coisas novas. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

Estudar no meu ponto de vista é quando tiramos um tempo para aprendermos algo, ou seja, para adquirir novos conhecimentos. O estudo é muito importante, pois ele proporciona para o ser humano a oportunidade de descobrir coisas novas, ou seja, aprender. Termos uma boa profissão, sermos cidadãos melhores. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2)

Compreendo o estudar como ato de pesquisar um determinando conteúdo, informações ou dados, sejam eles no ambiente escolar/acadêmico ou restrito ao cotidiano, com a finalidade de aprimorar o conhecimento já adquirido ou como busca por novas competências, tanto em questões mais gerais quanto em específicas e se dá de forma individual e coletiva. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

Notamos a partir dos relatos acima, que os estudantes estudam, em sua maioria, porque desejam aprender e obter conhecimentos. Apesar de isso ser enfatizado pela maioria das narrativas, os acadêmicos sistematizam as respostas de maneiras diferentes; como um dos discentes que relaciona estudar a ter uma boa profissão. As respostas revelam mais justificativas do por quê estudar e não, exatamente, o que significa estudar.

Essa discussão nos leva a questionar sobre o que é estudar para a maioria das pessoas. Percebemos nas respostas que estudar se confunde com aprender, com construir e assimilar conhecimentos, ter uma boa profissão; estudar como uma atividade intelectual quase não aparece. Alguns estudantes mencionam a palavra tempo, outro destaca ser um ato de pesquisar, mas no

geral estudar é visto como algo natural, como se o fato de estar na escola ou na universidade já fosse o suficiente, e precisasse de um método de estudos, de disciplina etc.

Compreendemos que se fazem presentes nas narrativas noções de hábitos de estudos como, por exemplo, o que Bastos (2008) nos apresenta. A criação de hábito de estudo envolve alguns fatores, como: organizar o tempo, isto é, definir horários, escolher suas preferências; o material, desde livros, apostilas, dicionários, canetas, lápis, computador etc.; local onde se estuda, ou seja, um ambiente que favoreça os estudos, a aprendizagem, interpretação; tempo para revisão de estudos (dos textos, das atividades), com leitura prévia às aulas para um melhor aproveitamento do momento em sala de aula, além disso, as práticas durante a aula, vista como espaço para fazer considerações, compartilhar experiências, tirar dúvidas. Os hábitos de estudos também se relacionam com ser pontual e ser assíduo para acompanhar a sequência das aulas; ser participativo e ter em mente que o estudante é o maior responsável por sua aprendizagem; compreender a dinâmica do trabalho em grupo, para discussão do que foi lido, ouvir outras interpretações, em busca de revisão complementar e aprimoramento das discussões realizadas em sala.

Não há muita diferença entre estudar e andar de bicicleta ou nadar, porque qualquer atividade requer repetição e disciplina, até incorporar-se ao comportamento do sujeito. Assim como andar de bicicleta ou nadar não se aprende teoricamente, mas andando ou nadando, da mesma forma, estudar se aprende estudando, ou seja, formando hábitos de estudo. A formação de hábitos requer, disposição, determinação e disciplina pessoais. (BASTOS, 2008, p. 39).

Assim, evidencia-se a necessidade de desconstrução da definição do que é estudar ensinada durante a trajetória escolar e que permanece no ensino superior. O fato de dizer “eu estudo” na escola/universidade não é suficiente, pois o ato de estudar, na perspectiva de Charlot (2011a), vai além de ir para a sala de aula, fazer o que o professor disse que tem que fazer, para assim “passar de ano”. Estudar envolve dedicação, disciplina, organização e vontade pessoal.

O que é necessário para você aprender?

A segunda pergunta que selecionamos para ser analisada foi “o que é necessário para você aprender?/ Quais são seus motivos para aprender?”. A partir dessas questões, apareceram respostas como ter planejamento, organização, força de vontade, auxílio do professor, paciência, interesse, oportunidades etc. Assim, apresentamos os relatos a seguir:

Aprender significa você construir conhecimento através da experiência. É você querer sempre estar informado e não aceitar as coisas como algo dado. Tem que questionar, criticar e lembrar que todos nós podemos aprender desde que alguém faça mediação desse conhecimento. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem-2013/2).

Para aprender é necessário em primeiro lugar ter força de vontade, foco e o principal ter um objetivo a ser seguido, é ter determinação, compromisso. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional-2014/1).

Para aprender é necessário antes de qualquer coisa a disposição para estudar, para o aprendizado. Também se faz necessário uma organização, a clareza dos objetivos, o planejamento e trocas de informações, experiências e debates. O ambiente destinado para a ação de estudar também contribui para o aprendizado, assim como técnicas utilizadas para facilitar a aprendizagem. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Metodologia do Trabalho Científico- 2014/1).

Para eu aprender é necessário que alguém esteja disposto a me ensinar, não sou uma pessoa que aprende com muita facilidade, mas sou disciplinada com relação às aulas e às atividades propostas. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional- 2015/1).

Querer primeiramente. E saber escutar o que os outros tem a dizer trocando informações e conhecimentos em busca do saber. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional- 2015/1).

Construir novos saberes e revisar o que já passou a fim de ampliar meu horizonte cultural. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Didática- 2015/2).

Nossa essa pergunta me lembra algo que vivo falando para os meus colegas, nossa estou quase saindo da faculdade e não aprendi nada [...].(Resposta de um discente que cursou a disciplina de Didática- 2015/2).

Vontade de entender o meio que me cerca e poder contribuir para uma boa formação dos cidadãos/alunos. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Didática- 2015/2).

Inicialmente, observamos que a definição de aprender se confunde com a de estudar, alguns trazem elementos como dedicação, organização, esforço pessoal, praticar a escrita após as leituras, ser determinado, prestar atenção nas aulas, ter interesse e curiosidade, disposição para aprender.

Deparamo-nos com algumas respostas que exemplificam a relação com o saber/aprender como algo individual, mas principalmente social, envolvendo, sobretudo, os professores. Aprender pressupõe relações com o outro (CHARLOT, 2000), neste caso, foram destacadas a necessidade do auxílio/mediação do professor, um bom professor, de dialogar e discutir com outras pessoas, ter oportunidades. Podemos afirmar que, os acadêmicos compreendem que, para aprender é preciso que haja alguém dizendo que houve aprendizagem.

Essa pergunta sobre o que é necessário para aprender também causou reflexão em alguns estudantes: *“estou quase saindo da faculdade e não aprendi nada”*. Essa narrativa nos faz pensar na relação com o curso, com as disciplinas e com os professores: faltou empenho do acadêmico? Disciplinas criaram situações para que ele mobilizasse o que aprendeu? Ele não aprendeu o que queriam seus professores? Charlot (2011a, p. 64) alerta:

Também há muitos jovens que acham que quem deve ser ativo no ato do ensino-aprendizagem não é o aluno, mas o professor. Um aluno disse-me que o cérebro dele era como um gravador: a professora fala e o cérebro grava. Outro disse que o professor era ótimo, porque, quando falava, as palavras entravam diretamente em sua cabeça. Esse é o modelo implícito de muitos alunos. Eles esperam que a palavra da professora entre diretamente na cabeça deles. Está chegando o dia em que teremos de utilizar uma pedagogia mais construtivista, mas o problema é que os alunos não são construtivistas! Muitos deles não estão esperando uma pedagogia ativa, mas, sim, uma pedagogia sem risco para passar de ano. [...] Eles esperam uma pedagogia bem tradicional, com tarefas, sem nenhum risco. Temos que mudar isso, mas temos que saber que um trabalho com paciência da professora é essencial para os alunos entenderem que pedagogia como atividade do aluno pode ser um prazer e mais interessante; mas isso se constrói aos poucos.

Para Charlot (2000, p. 68), aprender “[...] é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui, mas cuja existência é depositada em objetos, locais, pessoas”. “Aprender é passar da não-possesão, da identificação de um saber, virtual à sua apropriação real” (p. 68). Essa relação epistêmica com o aprender é importante para a compreensão dos relatos dos acadêmicos, pois, o aprender pressupõe apropriação de saberes, que não ocorre apenas ao final do processo, com a nota ou aprovação. Para esse autor (2011a, p. 58), as instituições escolares são lugares de esforço e “o esforço pode ser prazeroso”, dependendo da concepção que se tem de saber; da relação pessoal com o saber.

O que determina o seu interesse por aprender e estudar?

Os estudantes também foram questionados a respeito do seu interesse por aprender e estudar, isto é, essa questão dialoga com as duas primeiras. Os estudantes responderam que o que determina seus interesses por aprender e estudar são: *estímulo; crescimento pessoal; busca de novos conhecimentos; se tornar crítico; ter uma boa profissão etc.*

O fato de eu não compreender é o que me instiga a querer saber mais sobre. A curiosidade é o segundo fator que me instiga a estudar. Saber o porque das coisas, compreender o mundo. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

A aprendizagem se dá através da interação com o outro, mas ela é individual. Não adianta o professor ficar se matando de explicar se o aluno não tiver interesse em aprender. O que determina o querer estudar é o fato de querer aprender, ficar informado, querer mudar a sociedade e isso só é possível se você tiver estudos, tiver aprendido a ser humano, para ter argumentos e conhecimentos, ou seja, ter uma bagagem para mostrar para as pessoas que elas podem mudar e que as experiências podem trazer coisas boas. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

Primeiramente, estudar e aprender podem proporcionar para os estudantes realizações em termos de futuro: *crescimento pessoal e ter uma boa profissão*. Essa questão dialoga com a próxima pergunta sobre os sentidos de ir à universidade, que vamos detalhá-la a seguir.

O segundo relato acima se mostra como uma resposta singular dentre as demais. Isso porque o estudante entende que ninguém pode aprender por ele. Apesar de precisar da interação, é necessário ter interesse, desejo de aprender. A narrativa traz alguns motivos pelos quais é interessante estudar e aprender: ter argumentos e conhecimentos, fazer transformações na sociedade. Ao afirmar “*não adianta o professor ficar se matando de explicar se o aluno não tiver interesse em aprender*”, nota-se a compreensão de que o indivíduo deve estar implicado com seu próprio processo de aprendizagem. Do contrário,

Quando o aluno pensa que quem é ativo no ato da aprendizagem é a professora, ele pensa que há uma injustiça na escola. Ele considera que o trabalho do aluno é ir à escola para escutar a professora. O que vai acontecer depende dela. Se ela explicar bem, o aluno vai saber. Se ele tirar nota ruim, é porque ela não explicou bem. O fracasso, na lógica do aluno, é culpa da professora! Ele acha uma injustiça a professora dar nota ruim. Para ele, é a professora que merece a nota ruim! Tem de haver um jeito para que o aluno entenda que ele tem de ter atividade intelectual para aprender! (CHARLOT, 2011a, p. 65).

Portanto, nessas relações com o mundo e com os outros está presente o desejo de aprender, e é esse desejo que leva o sujeito a aprender. Para isso é preciso que haja mobilização, isto é, uma dinâmica interna, um movimento relacionado aos sentidos que os estudantes atribuem às suas ações, envolvendo o seu desejo em aprender.

Nesse caminho de compreender a relação dos acadêmicos com o saber, também é interessante evidenciar o compromisso com o aprender, levando em consideração o que Freire (2016) apresenta. Para este autor, o sujeito que está em processo de formação como docente deve assumir-se como sujeito da produção do saber, ou seja, a experiência na graduação deve proporcionar o domínio de alguns saberes necessários à docência, bem com a construção de outros saberes a partir dos já existentes.

A passagem pelo curso superior pressupõe que o graduando tenha claro que ensinar não é “transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2016, p. 24). Assim, os acadêmicos devem sair da sua “zona de conforto”, de passividade, em que o professor é o responsável por sua aprendizagem, e ser o estudante, também responsável por sua própria formação. Sobre essa discussão Freire (2016, p. 24-25) acrescenta que,

Se na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos- acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto do agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da ‘formação’ do futuro objeto do meu ato formador.

Para além do ato de ensinar, visto como “transferência de conhecimento”, e do educando, identificado como um “objeto” do processo educacional, Freire (2016, p. 25) propõe que tanto docente como discente são sujeitos, pois, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, do modo que uma ação inexistente sem a outra. Tanto educandos como educadores devem ter curiosidade, para que ambos possam aprender e ensinar. Portanto, o comprometimento por parte dos acadêmicos do Curso de História com o aprender, contribui para o desenvolvimento da “curiosidade epistemológica”, o que possibilita comparações, dúvidas, reflexões acerca do que está aprendendo, bem como do processo de ensino-aprendizagem. Essa perspectiva está articulada a uma das respostas dos acadêmicos, ao afirmar que aprender é: “*não aceitar as coisas como algo dado*”, “*questionar*”, “*criticar*”. Assim, o compromisso com o aprender, para os acadêmicos está relacionado à curiosidade, a “*saber o porquê das coisas*”, “*compreender o mundo*”, “*vontade de aprender*”. Freire (2016, p. 83), adiciona mais elementos a essa discussão quando afirma que ao estimular a dúvida e a reflexão, ao invés da passividade das explicações discursivas do professor

Isto não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente, em nome da defesa da curiosidade necessária a puro vaivém de perguntas e respostas que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Nesse sentido, podemos entender a relação com o saber articulada à curiosidade para com o aprender, tendo em vista que, como afirma Freire (2016), a curiosidade é um exercício, que se articula com a capacidade de inquietação do sujeito, assim como a mobilização da imaginação, das emoções e da criatividade, que são elementos imprescindíveis na relação com o aprender.

Destacamos na seção a seguir os relatos dos acadêmicos do Curso de História sobre as

mobilizações do porque ir à universidade.

Qual é o sentido de você vir para a universidade?

Os estudantes também foram questionados do porquê eles vão à universidade, o que os motiva a cursar o ensino superior e sobre isso eles destacaram: *ter uma profissão; realização pessoal/sonho; busca de conhecimentos; entrar no mercado de trabalho; dar continuidade aos estudos*. Assim como:

Aprender e ser capaz de transmitir meus conhecimentos ao próximo, me capacitar intelectualmente como ser pensante, tanto para a vida como para o mercado de trabalho. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional- 2015/1).

Minha família é o objetivo principal, quero ter condições de poder ajudá-los, preciso ser um exemplo para minhas irmãs. Passei a vida tentando ensiná-las como ser forte, e a lutar por seus objetivos, embora tenha fracassado em algumas das minhas metas com elas, não depende só de mim! Atualmente o que me dá força para não desistir é a minha família. Além do sonho profissional que sempre tive, de ajudar as pessoas em momentos de dificuldades, assim como muitos professores meus me socorreram com suas palavras e suas demonstrações de carinho, em momentos em que já não tinha chão. Quero seguir o exemplo dos meus heróis da infância e da adolescência. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional- 2015/1).

Me formar e ter um diploma e poder dar aula futuramente. Porque se eu fosse rica não estaria aqui. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional- 2015/1).

Vim para a faculdade com o intuito de adquirir conhecimento acima de tudo, e também, para completar meus estudos, e assim conseguir um emprego melhor. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional- 2015/1).

O sentido de vir para a Universidade tem por objetivo principal dar continuidade aos estudos, ter oportunidade de um emprego melhor e adquirir novos conhecimentos. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Currículo, Política e Gestão Educacional- 2015/1).

Os relatos perpassam pelo crescimento pessoal, em termos de aprimoramento enquanto ser humano. Também trazem novamente a busca/construção de conhecimentos. A possibilidade de ter uma profissão; entrar no mercado de trabalho; poder ajudar a família; melhorar as condições de vida; completar os estudos, se mostram como as principais mobilizações dos acadêmicos para estarem na universidade.

Os estudantes estão pensando a universidade em termos de realização profissional, isto é, frequentam-na, para no final do curso se *formarem* e terem um diploma, para poder arrumar um emprego melhor e, se possível, ajudar a família. Segundo Charlot (2002), para muitos estudantes das classes populares o único sentido de ir à escola é que a mesma pode proporcionar um bom emprego mais tarde, isso em relatos de alunos da educação básica. O que se repete também nos relatos dos acadêmicos.

Charlot (2011b) destaca que é necessário entender as lógicas que orientam as ações dos estudantes, por exemplo, há aqueles que estão indo à escola cada vez menos para aprender, mas

para “passarem de ano”, depois no vestibular e conseguirem um emprego. Para ele, isso dificulta o trabalho do professor, porque há menos empenho escolar/acadêmico, isto é, se a média final é 5,0, surge o questionamento: Por que me esforçar para tirar 7,0? Com isso, estamos nos distanciando de uma sociedade que valoriza o saber para entender a vida. Em uma entrevista (MARANGON; BENCINI, 2006), Charlot é questionado se “é papel da escola garantir o sucesso profissional dos alunos no futuro?”, como resposta, afirma:

Eu estou convencido de que não, apesar de essa ser uma questão muito presente hoje. Quando perguntamos a alguém por que ir à escola, a resposta imediata é “obter um emprego”. Muitos se esquecem de que não é a escola que garante o emprego. Ela tem outro papel, bem mais amplo e importante. Para conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho, é preciso adquirir saberes, desenvolver a imaginação, construir referências para entender o que é a vida, o que é o mundo e o que é a convivência com os outros. Há uma grande perda de tempo e energia quando isso não acontece. Todos se sentem lesados, e não poderia ser diferente.

Dentre as respostas dos acadêmicos de História, uma delas enfatizou a importância de estudar e aprender, compreendendo a universidade como um lugar de busca/construção de conhecimentos.

Nestes quatro anos, vir para a Universidade se tornou uma das coisas mais importantes para mim. O meu processo de amadurecimento foi lento e introspectivo antes da graduação. Além disso, foi justamente o âmbito universitário que me abriu muitas portas para diversas concepções de mundo diferentes da minha. No decorrer da minha graduação, fui me encontrando de uma forma muito bonita. Amadureci no que concerne à religião, à concepção de cultura e acima de tudo, aprendi a olhar as pessoas. Vir para a universidade representou e continua representando uma emancipação de mim mesmo. Me confere um sentido de pertença no mundo. (Resposta de um discente que cursou a disciplina de Psicologia da Aprendizagem- 2013/2).

Tal narrativa anuncia elementos que Charlot destacou como importantes, em outra entrevista (RAMALHO, 2001). Ao se referir aos jovens, ele afirmou que o saber deve permitir reforçar a sua autoestima, a sua autoimagem positiva, “ao invés de feri-la ainda mais, como muitas vezes acontece. Porque quando o saber é uma fonte de sofrimento pessoal-psicológico na sua autoestima, você tende a desvalorizar esse saber que te desvaloriza”. Nessa última narrativa, o acadêmico destacou sua autoestima, ao afirmar que durante a graduação “fui me encontrando de uma forma muito bonita” e ressaltou seu próprio processo de emancipação. Sobre isso, Charlot apontou nessa mesma entrevista que os conteúdos escolares/acadêmicos devem contribuir para “produzir uma reflexão para que os estudantes entendessem melhor quem eles são. Dessa forma existirão pontes entre o ensino acadêmico e o que se vive. E a aula ganhará muito mais sentido”.

A partir das considerações acima, elaboramos um quadro, sintetizando e sistematizando as perspectivas dos acadêmicos sobre estudar, aprender e sobre a relação com a universidade.

Quadro 1: Sentidos de estudar, aprender e ir à universidade

Estudar	Aprender	Interesse por estudar e aprender	Sentidos de ir à universidade
Adquirir/assimilar/obter conhecimentos	Construir novos saberes	Busca de novos conhecimentos	Busca de conhecimento
Se tornar uma pessoa melhor	Ter força de vontade, determinação	Crescimento pessoal	Realização pessoal/sonho/ajudar a família

Ser um cidadão melhor	Não aceitar as coisas como dadas	Se tornar crítico/Saber o porquê das coisas	Ser capaz de transmitir conhecimentos ao próximo
Se atualizar/aprender um pouco mais	Disposição para estudar	Gostar de saber das coisas	Contato com concepções de mundo diferentes
Focar sua atenção no que almeja	Prestar atenção nas aulas	Ficar informado	Ter um curso superior/"completar os estudos"/dar continuidade aos estudos
Ter uma boa profissão	Ter uma boa formação	Ter uma boa profissão	Entrar no mercado de trabalho/ter uma profissão
Pesquisar conteúdos, informações	Ter tempo, paciência e compromisso	Ter argumentos e conhecimento	Dar aula futuramente
Se dá de forma individual e coletiva	Preciso mediação/ auxílio de alguém (do professor)	A aprendizagem se dá a partir da interação com o outro, mas também é individual	Certificação

Fonte: Autoras (2018).

Os estudantes enfatizaram em suas respostas, sobretudo, a mobilização pessoal em relação à universidade. Há um destaque para os aspectos pessoais e profissionais, mesmo que esse último apareça mais em termos de futuro. Percebemos também uma forte mediação entre o presente e o futuro, em que o ensino superior se mostra como uma etapa que proporcionará ter uma boa profissão e entrar no mercado de trabalho.

A universidade apareceu como a responsável pelo diploma, mas também como o lugar de aquisição de saberes, principalmente referentes à maneiras de ser dos estudantes, assim como modos de se relacionar consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Dessa forma, compreendemos que a relação com o saber abrange tanto os conteúdos e processos intelectuais como os valores e as maneiras de ser (BICALHO; SOUZA, 2014).

Assim, aprender os conteúdos científicos e profissionais é um processo que implica mudanças na maneira de ver a si mesmos, aos outros e ao mundo. Graduar-se é, também, ampliar os horizontes, adquirir outras formas de se relacionar com os outros: a formação profissional é valorizada como formação pessoal. (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 630).

Compreendemos que a formação universitária na perspectiva dos estudantes é relatada como um caminho para uma vida melhor, isso pode ser uma forma de valorização do processo, e pode ser também um fator de mobilização dos acadêmicos em relação aos seus estudos. Desse modo, podemos questionar o lugar ocupado pelo aprender nesse processo, sendo possível, como destaca Bicalho e Silva (2014), que a formação universitária seja valorizada sem a consideração das aprendizagens, a aquisição de saberes teórico-práticos, apenas uma "trajetória universitária utilitarista", voltada para a superação de etapas, completar os estudos, sem que haja relações com o saber da universidade, por exemplo.

Inspiradas nas considerações freirianas sobre educação, concluímos a importância da articulação "ensinar, aprender e pesquisar" na formação dos acadêmicos de licenciatura da UFT, como sujeitos ativos na construção da curiosidade crescente e do aprender criticamente para a permanente reconstrução dos saberes ensinados na universidade. Percebemos também que os acadêmicos reconhecem a universidade como um lugar de aprendizagem, de aquisição/busca de saberes e como um espaço que pode propiciar uma vida melhor, um futuro melhor, uma boa profissão, onde os estudantes se transformam como pessoas, o que influencia no exercício futuro da docência, compreendendo melhor o mundo e os outros.

Considerações finais

A partir do que foi destacado dos relatos dos acadêmicos do curso de História, podemos afirmar que eles mostraram relações diferentes com o saber: *“Me formar e ter um diploma e poder dar aula futuramente. Porque se eu fosse rica não estaria aqui”, “Nossa, estou quase saindo da faculdade e não aprendi nada”, “foi justamente o âmbito universitário que me abriu muitas portas para diversas concepções de mundo diferentes da minha”.*

Os participantes desta pesquisa, são estudantes que conseguiram sucesso escolar, pois deram continuidade aos estudos e ingressaram no ensino superior. Muitos dos que responderam as autoavaliações já concluíram o curso de História e estão atuando na educação básica. Os relatos demonstram algumas lógicas de relação com o saber, como a de estudar para ter uma profissão e um emprego, bem como a de aprender para se tornar alguém melhor; ter argumentos e transformar o meio em que vive. É perceptível que os jovens que vão à universidade para estudar/cursar História enxergam-na como um lugar de mudança de vida.

Estudar e aprender para os estudantes do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT) se confundem em suas definições, o que é compreensível tendo em vista que são atividades que se relacionam, isto é, o estudo tem como objetivo o aprender, ou pelo menos deveria ter. Mas, o que pode ser destacado é que, ao considerarem o fato de estarem fisicamente em um local como a universidade, os graduandos, em sua maioria, compreendem que já estão estudando, e isso está ligado ao que nos é ensinado. Ouvimos e falamos cotidianamente frases como: *“onde você estuda?”, “que curso você estuda?”, “você está estudando no curso de História, na UFT?”.* Essas e outras expressões, muitas vezes contribuem para a naturalização do que é estudar.

Para aprender, como destaca Charlot (2000), é preciso que o estudante exerça atividade intelectual e para isso é preciso ter hábitos de estudo, ter desejo de aprender. Podemos até mesmo afirmar, a partir dos relatos, que estudar para os graduandos é aprender; o resultado de estudar deve ser, conseqüentemente o de aprender. Isso porque se estuda para construir conhecimentos, saberes ainda não dominados.

Estudar também aparece como um processo, como uma trajetória, proporciona, por exemplo, *“ter uma boa profissão”.* Os estudos são importantes porque podem possibilitar o término do curso superior, o ingresso no mercado de trabalho, ou seja, estar na universidade significa *“dar continuidade aos estudos”.* Diante disso, surge outra questão, para ter um emprego, uma profissão também é necessário aprender, apropria-se de saberes? A definição dos estudantes sobre aprender não é apenas se apropriar e dominar saberes. O que determina o interesse dos mesmos por estudar e aprender é o desejo de obter novos conhecimentos e o de ter uma profissão. O que também pode ser entendido como o sentido de ir à universidade.

A aquisição de novos conhecimentos, o crescimento pessoal, a contribuição do curso para seu aprimoramento como ser humano são justificativas que aparecem, mas que são sobrepostas pela possibilidade de ter um diploma, ter uma profissão e entrar no mercado de trabalho, talvez, elas sejam um caminho para se chegar ao objetivo de concluir o ensino superior. Entender essas lógicas de relação com o saber e com a universidade é de suma importância para compreender que sujeitos estão sendo formados para atuar como professores na sociedade, ou seja, compreender qual o sentido da universidade. Afinal, para Charlot (2011a, p. 68), *“sem atividade intelectual de professor e aluno, sem fazer sentido aprender e ensinar, sem prazer de aprender e de ensinar, a escola não tem sentido”.*

Percebemos na contextualização do curso da UFT e do curso de História que objetiva-se formar professores/as de História que dominem conhecimentos históricos, mas também didáticos e pedagógicos, assim, terão condições de interferir e transformar realidades educacionais, preocupando-se com as questões sociais, políticas e culturais. Assim, ressaltamos a importância da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e do curso de História como um lugar de oportunidades para estudantes de diversas cidades do norte do estado do Tocantins, como de municípios de outros estados também, como Pará e Maranhão, que se deslocam para Araguaína em busca de cursar o nível superior. Cabe ressaltar a responsabilidade do *Campus* Universitário de Araguaína, para a formação de professores, ao ofertar sete licenciaturas, dentre elas o curso de História.

Nesse contexto, investigar a relação com o saber e o sentido de estar na universidade pode ser um ponto de partida para a compreensão da relação dos acadêmicos com os saberes da História.

Podemos então pensar no Curso de História como um espaço de aprimoramento das noções de estudar e aprender. Tendo em vista que a postura no curso é de suma importância para a concepção de História e de Educação que pode ser construída pelos acadêmicos. Nesse sentido, a consciência de estar implicado com a sua aprendizagem pode estar relacionada com a transformação que os acadêmicos, futuros professores de História poderão fazer no exercício da docência, pois se evidencia um crescimento pessoal e acadêmico em estar na universidade e no Curso de História.

Este texto não tem o objetivo de concluir essa complexa discussão, mas de enfatizar que as relações com o saber/aprender presentes nos relatos dos estudantes do curso de História nos abrem um leque de questões que precisam ser investigadas: qual o sentido/valor do saber/aprender?; como o curso contribui para a valorização da formação como professor/a?; como esses estudantes estudam? até que ponto isso contribui para o seu desempenho no curso?; como e o que eles se apropriam dos saberes do curso?; os estudantes conseguem compreender as lógicas da universidade?; Essas e outras questões são muito importantes para a compreensão da relação dos estudantes com o curso superior, com a universidade, com os professores e com diversos saberes necessários a sua formação.

Referências

BASTOS, Cleverson Leite. Formando o hábito de estudo. In: _____; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 38-42.

BICALHO, Maria Gabriela Parenti. SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes. Relação com o saber de estudantes universitários: aprendizagens e processos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 40, n. 3, p. 617-635, jul./set. 2014.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria**. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. A pedagogia ativa é uma conquista com os alunos. In: AZEVEDO, Jô; DIAS, Romualdo (Orgs.) **Educação e diálogo**. Encontros com educadores em Várzea Paulista. Jaboticabal (SP), Funep, 2011a. p. 56-68.

_____. **Existe o fracasso escolar?** Univesp, 2011b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1HUJQlduYzk>. Acesso em: 27 jan. 2018.

_____. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n. Especial, p.17-34, jul/dez. 2002.

_____. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MARANGON, Cristiane; BENCINI, Roberta. Entrevista com Bernard Charlot: “O conflito nasce quando o professor não ensina”. **Revista Nova Escola**, 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/871/bernard-charlot-o-conflito-nasce-quando-o-professor-nao-ensina>. Acesso em: 27 jan. 2018.

MENDES, Olenir Maria. Avaliação formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; NAVES, Marisa Lomônaco de Paula (Orgs.). **Currículo e avaliação na educação superior**. São Paulo: Junqueira e Marin, 2005, p. 175-197.

RAMALHO, Priscila. Entrevista com Bernard Charlot: A escola e o saber. **Centro de Referência em Educação**, 2001. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=006. Acesso em: 27 jan. 2018.

TOCANTINS. **Projeto Pedagógico do Curso de História** - Licenciatura, *Campus* de Araguaína. UFT, 2009.

Recebido em 26 de setembro de 2018.

Aceito em 29 de novembro de 2018.